

GÊNESE LEXICAL NAS LÍNGUAS EUROPÉIAS OCIDENTAIS: A INFLUÊNCIA GRECO-LATINA E O PERFIL IDEOLÓGICO DO LÉXICO

Aldo Bizzocchi

Introdução

Este artigo é uma condensação do estudo sobre a ideologia da formação do léxico das línguas européias ocidentais apresentada em detalhe no livro *Léxico e ideologia na Europa ocidental* (BIZZOCCHI, 1998), no qual é proposto um modelo teórico que dê conta dos principais fenômenos lexicogênicos conhecidos, ao menos no domínio das línguas ocidentais, para tanto incorporando os processos neológicos já descritos em trabalhos clássicos de lexicologia, bem como as categorias classificatórias constantes nas obras filológicas mais importantes e nos grandes dicionários etimológicos, ao mesmo tempo em que são redefinidos alguns conceitos já correntes e instituídos alguns novos.

A Europa Ocidental é talvez o melhor exemplo de povos étnica e lingüisticamente diferentes que, no entanto, graças à influência cultural comum da Grécia e de Roma, exercida sobretudo por meio de suas línguas (o grego e o latim) e de sua religião (o cristianismo), constituíram uma única grande civilização, a chamada Civilização Européia ou Ocidental, que hoje já tende a ser chamada de Civilização Global. A influência unificadora da cultura clássica reflete-se na ideologia desses povos e, conseqüentemente, em suas línguas, principalmente no que diz respeito ao léxico. A história dessas línguas sustenta-se, assim, sobre uma constante tensão entre a influência greco-latina e o elemento vulgar.

Por outro lado, inúmeros estudos têm sido empreendidos acerca do léxico dessas línguas, muitos dos quais visando à explicação dos processos de criação das palavras, à detecção de uma ideologia subjacente ao léxico, e mesmo à quantificação dos fenômenos observados, para tanto recorrendo até mesmo a análises estatísticas. Procuramos aqui abordar todas essas questões sob um novo prisma, tentando explicar a dinâmica da criação e renovação do léxico das línguas européias ocidentais, pertencentes às famílias lingüísticas românica e germânica, de um ponto de vista ao mesmo tempo neológico e etimológico, isto é, com base na origem e nos processos de produção das unidades lexicais, a partir da acima citada tensão entre o *clássico* (de influência greco-latina) e o *vulgar*, processos cuja tipologia aqui estabelecemos.

Como se sabe, parte do material lexical das línguas européias de cultura nelas entrou por evolução direta a partir das línguas que as precederam historicamente (como é o caso do latim vulgar em relação às línguas românicas), parte resulta de importação a partir de outras línguas e parte é fruto de criação intralingüística. A importação lexical pode, por sua vez, ser direta, isto é, a partir da própria língua criadora a palavra, ou indireta, quando aporta elementos lexicais de línguas nas quais tais elementos também são resultado de importação. Além disso, tanto as palavras importadas quanto as criadas intralingüisticamente estão igualmente sujeitas ao processo da evolução histórica.

Nosso princípio de análise baseia-se na tensão permanente entre as línguas clássicas do Ocidente — grego e latim — e as línguas vulgares, na verdade idiomas nacionais da Europa Ocidental, tensão esta que se encontra na base de toda a tradição literária, religiosa, filosófica, intelectual, e também filológica e gramatical do Ocidente. De fato, inúmeras razões fazem com que o grego e o latim estejam em posição hierárquica superior em relação às línguas vulgares, das quais constituem o grande paradigma. Embora o Império Romano do Ocidente tenha desmoronado em 476, as instituições políticas, os fundamentos jurídicos, os cânones literários e artísticos da Roma Antiga, bem como a própria língua latina, sobreviveram até a era moderna. Além de representarem o veículo de transmissão do patrimônio cultural da Antigüidade, as línguas clássicas, principalmente o latim, foram, durante muito tempo, consideradas as únicas línguas dignas da literatura, da poesia, da ciência, da filosofia, da religião, etc. Em face disso, as línguas vulgares mantiveram entre si uma posição de igualdade, de equivalência, e, ao mesmo tempo, de submissão cultural à influência greco-latina. Com efeito, ainda hoje, a maioria dos termos técnicos, científicos, ou simplesmente os vocábulos de cultura de qualquer língua ocidental são empréstimos das línguas clássicas ou estão formados com elementos morfológicos dessas línguas e segundo seus modelos.

Entretanto, a enorme influência cultural das línguas clássicas deixou marcas desse estatuto hierárquico superior também no plano estritamente lingüístico: quando, por exemplo, se introduz numa determinada língua um grecismo ou latinismo, este não é em nenhum momento sentido como uma palavra estrangeira (vide, por exemplo, as palavras *organismo* e *temperatura*). Na verdade, ela já é introduzida na língua com todas as adaptações fonológicas, morfológicas e ortográficas que lhe garantem, desde o início, o status de unidade genuína do léxico da língua vulgar. Já um vocábulo proveniente de outra língua qualquer, seja ela européia ou não, entra no léxico sempre como um estrangeirismo, o que é revelado pela grafia, pela pronúncia e pela morfologia, e somente mais tarde poderá vir a perder esse caráter estrangeiro (por exemplo, ing. *football* > port. *futebol*, fr. *abat-jour*

> port. *abajur*). Visto que todas as línguas do Ocidente sofreram — e ainda sofrem — a influência das línguas clássicas e que, ao mesmo tempo, todas elas intercambiam elementos lexicais clássicos ou vulgares entre si, a opção de uma língua, em face de uma determinada necessidade de criação neológica, entre um vocábulo greco-latino e um vocábulo vulgar estrangeiro, entre a importação e a criação intralingüística, a partir do acervo lexical autóctone, pode revelar algo a respeito da própria ideologia dessa língua, e, conseqüentemente, do povo que a fala.

Tal abordagem do léxico conduz a uma classificação das palavras da língua segundo sua tipologia genética, a partir da qual se pode estabelecer um perfil lexicogênico de cada língua. Uma análise quantitativa e qualitativa desse perfil permite estudar a dinâmica neológica da língua, bem como identificar tendências predominantes, preferências, coerções e, conseqüentemente, correlacionar tal comportamento a uma visão de mundo subjacente.

O aspecto ideológico do léxico

O léxico das línguas européias ocidentais se sustenta basicamente sobre as dicotomias *autóctone/importado* e *clássico/vulgar*. Isso significa que tais línguas sofrem influências verticais do grego e do latim e influências horizontais das demais línguas vulgares européias, bem como de línguas extra-européias. Em princípio, essas influências se exercem de igual maneira em todas as línguas consideradas. No entanto, o léxico de cada uma delas apresenta um comportamento diverso, vale dizer, cria ou renova suas unidades segundo processos diferentes, de que resultam léxicos de configuração bastante desigual. Torna-se evidente, então, que cada língua realiza certas opções e demonstra certas preferências por um ou outro processo de criação lexical. Essas opções e preferências obviamente mudam ao longo do tempo, de modo que o aspecto do léxico de uma língua numa determinada etapa de seu desenvolvimento é o resultado de todas as tendências verificadas desde o início de sua história até aquele momento. Tais tendências são responsáveis pela feição que o léxico apresenta a cada novo corte feito em sua história. Mas, mais do que isso, determinam de certa forma o porvir desse léxico, já que muitos dos traços que o caracterizam se repetem de modo sistemático, tornando-se com o tempo injunções. É nesse sentido que tais coerções positivas e negativas dizem respeito à própria ideologia do léxico da língua, especialmente no que tange aos elementos de origem externa, pois é sobretudo em face da influência estrangeira que o caráter ideológico do léxico sobressai. Assim sendo, não é o léxico vulgar puro, isto é, as

palavras herdadas ou criadas intralingüisticamente, que nos vai revelar a ideologia da língua, mas sim o material de origem estrangeira, seja ela greco-latina ou vulgar.

Uma vez que todas as línguas literárias européias beberam na mesma fonte greco-latina, que foi a principal influência lingüística sofrida por elas, o caráter ideológico do léxico de cada uma delas vai se mostrar principalmente na forma particular assumida pelos incontáveis empréstimos de vocábulos gregos ou latinos efetuados desde a Idade Média até os dias de hoje.

Mais modernamente, outras línguas de cultura, como o francês e o inglês por exemplo, passaram também a gozar de grande prestígio. Isso faz com que as próprias línguas vulgares apresentem uma hierarquia entre si. De qualquer modo, toda língua exerce e ao mesmo tempo recebe influências.

Empréstimos de vocábulos greco-latinos

Do ponto de vista das relações *significante/significado* existentes no interior do signo, o empréstimo de um vocábulo de uma língua para outra pode ser de três tipos: empréstimo total, empréstimo de significante e empréstimo de significado (BARBOSA, 1981: 293-294).

Quando uma língua vulgar decide importar do grego ou latim um vocábulo, este sofre necessariamente um processo de modificação estrutural, a fim de compatibilizá-lo ao novo sistema lingüístico em que deve enquadrar-se. As alterações que o significante greco-latino sofre podem ser espontâneas ou deliberadas, obrigatórias ou facultativas, em função da própria estrutura fonético-fonológica da língua receptora. De qualquer maneira, quando do empréstimo, necessariamente ocorre a adaptação da pronúncia ao sistema fonético-fonológico da língua receptora, bem como a adaptação da grafia ao seu sistema ortográfico.

Entretanto, antes de prosseguirmos, é preciso distinguir entre a adaptação fonético-fonológica pura e simples, que é apenas uma adaptação da pronúncia do vocábulo à grafia latina, e a mutação fonético-fonológica, resultante quer da evolução histórica natural da língua, quer da alteração intencional do significante do vocábulo, por analogia às palavras vernáculas da mesma, fenômenos a que demos o nome de *metamorfismo*. Ao contrário da adaptação fonético-fonológica, o metamorfismo confere ao empréstimo um aspecto formal vulgar. Veremos, a seguir, os tipos possíveis de processos de adaptação e/ou mutação do significante que um empréstimo greco-latino pode sofrer.

Tipologia lexicogênica dos vocábulos de uma língua

Do ponto de vista lexicogênico, os vocábulos de uma língua podem ser divididos, numa primeira abordagem, em dois grandes grupos:

a) *vocábulos vernáculos*, isto é, aqueles que constituem o léxico de base da língua no momento em que esta se individualiza historicamente, visto que foram herdados diretamente da língua-mãe;

b) *neologismos*, isto é, vocábulos introduzidos em época posterior ao início histórico da língua, e que, segundo GUILBERT (1975), podem ser fonológicos, sintagmáticos, semânticos e alogenéticos.

Por outro lado, dada a enorme influência das línguas clássicas na norma culta das línguas européias ocidentais, também podemos classificar os vocábulos destas línguas em relação àquelas em *vocábulos eruditos* (importados do grego ou latim ou resultantes da combinação sintagmática de elementos greco-latinos), *vocábulos vulgares* (vocábulos vernáculos, seus compostos e derivados) e *vocábulos semi-eruditos* (que apresentam hibridismo de elementos eruditos e vulgares, seja por composição, derivação ou meta-morfismo). São também semi-eruditas palavras cujos morfemas sejam todos vulgares, mas que estão calcadas em vocábulos greco-latinos, isto é, são verdadeiras “traduções” desses vocábulos.

Tendo em vista que tanto as palavras semi-eruditas quanto as vulgares possuem um caráter de “vernaculidade”, ao menos do ponto de vista do significante, optamos por dividir o léxico das línguas européias ocidentais em duas macrocategorias, a saber, os *greco-latinismos* (vocábulos cuja totalidade dos morfemas, salvo as desinências, é greco-latina, sem nenhum metamorfismo) e *vulgarismos* (vocábulos dos quais pelo menos um dos morfemas, à exceção das desinências, é vernáculo ou metamórfico). Portanto, a categoria dos grecolatinismos compreende os vocábulos eruditos e a categoria dos vulgarismos engloba os vocábulos semi-eruditos e vulgares.

Apresentamos a seguir uma tipologia dos grecolatinismos e dos vulgarismos.

1. VULGARISMOS

1.1. Vulgarismos resultantes de herança vernácula (palavras herdadas)

No caso das línguas românicas, é vernáculo tudo quanto já existia no latim vulgar e continuou a existir, sem solução de conti-nuidade, nos diversos romances regionais. Nas línguas germânicas, é vernáculo aquele material lexical e gramatical que já existia nos diversos dialetos germânicos pré-literários, que convencionamos chamar de *germances*, por analogia aos dialetos romances (BIZZOCCHI, 2003).

É interessante notar que há nas línguas românicas inúmeras palavras vernáculas de origem germânica (por exemplo, *guardar*, *guerra*) e, similarmente, há nas línguas germânicas palavras vernáculas de origem latina (inglês *cup*, *dish*). Não obstante, muitos trabalhos de etimologia não dão conta desse fato.

1.2. Vulgarismos alogenéticos (empréstimos de vulgarismos estrangeiros)

Segundo GUILBERT (1975: 92-93), num primeiro momento, o termo estrangeiro é introduzido num determinado ato de fala em referência a um significado próprio à língua estrangeira. É o que ele chama de xenismo, isto é, termo que permanece efetivamente estrangeiro. O empréstimo propriamente dito se inicia a partir do momento em que se introduz na sociedade o objeto ou conceito designado inicialmente na língua estrangeira, de tal modo que a comunidade lingüística acolha ao mesmo tempo o termo que o designa, ou então quando ela recorre ao termo estrangeiro em referência a um significado já denominado em sua própria língua. A essa nova situação, em que o termo ainda conserva seu caráter estrangeiro, mas já se incorporou aos hábitos lingüísticos dos falantes, Guilbert dá o nome de peregrinismo. Segundo ele, o empréstimo é a fase posterior, em que, dada a generalização de seu uso, o termo se integra de tal modo ao léxico, a ponto de não ser mais sequer percebido como termo estrangeiro.

Existem duas diferenças básicas entre o empréstimo de um vocábulo grego ou latino e o empréstimo de um vocábulo vulgar estrangeiro (estrangeirismo):

a) um empréstimo greco-latino sofre em geral, desde sua introdução, adaptações fonético-fonológica, morfológica e ortográfica, que o integram perfeitamente ao léxico da língua. Já, em relação ao estrangeirismo, isso nunca acontece de imediato, devendo ele passar por todas as etapas de sua adoção.

b) Um significante grego ou latino pode não ser importado juntamente com seu(s) significado(s), mas pode adquirir, já de início, um novo significado na língua que o importa. Ao

contrário, o estran-geirismo penetra na língua sempre como um vocábulo completo, com significante e significado estrangeiros.

1.3. Empréstimos de tradução

Partindo das definições de empréstimo total, de significante e de significado dadas acima, podemos definir empréstimo de tradução como um empréstimo de significado em que o significante é vulgar, isto é, total ou parcialmente constituído de morfemas vernáculos ou metamórficos. Por se tratar de um tipo de empréstimo, a tradução do significante é sempre intencional, motivada pelo vocábulo original. Os empréstimos de tradução podem ser sintagmáticos (por exemplo, lat. *verisimilis*, *superficies* > francês *vraisemblable*, *surface*) ou semânticos (lat. *angulus* > alemão *Ecke*, no discurso da geometria), diretos (lat. *providere* > al. *versehen*) ou indiretos (al. *versehen* > sueco *förse*), obrigatórios (lat. *natione* > port. *nação*, pois não há em português o sufixo *-*ciom*) ou facultativos, e, ainda, podem partir de um grecolatinismo ou de um vulgarismo (inglês *skyscraper* > português *arranha-céu*).

Podem, ainda, ser totais (lat. *providere* > fr. *pourvoir*) ou parciais (por exemplo, lat. *promovere*, *naturalis* > fr. *promouvoir*, *naturel*, onde os elementos *pro-* e *natur-* são latinos e *mouvoir* e *-el* são vernáculos). O mesmo vale para a tradução dos vulgarismos estrangeiros (por exemplo, fr. *surnom* > ing. *surname*).

1.4. Vulgarismos resultantes de metamorfismo

Enquanto o empréstimo de tradução de grecolatinismo é a substituição de um morfema grego ou latino por um vernáculo, o metamorfismo é a substituição de um fonema ou seqüência de fonemas gregos ou latinos por um fonema ou seqüência de fonemas vernáculos, com a substituição paralela do grafema (ou grafemas) original correspondente por uma grafia semelhante àquela das palavras vernáculos. O metamorfismo pode ser espontâneo (resultante da evolução fonética natural que um empréstimo greco-latino pode sofrer ao longo do tempo: lat. *capitulu*, *canonicu* > port. *cabido*, *cônego*) ou deliberado (resultante da modificação fonológica do empréstimo por analogia a palavras vernáculos: lat. *actore*, *directu* > port. *ator*, *direto*, por analogia com *fructa* > *fruta*). Pode ser também obrigatório ou facultativo. Por razões óbvias, o meta-morfismo é um fenômeno muito mais comum nas línguas românicas do que nas germânicas.

1.5. Vulgarismos resultantes de combinação sintagmática (composição ou derivação)

Já vimos que os empréstimos de tradução sintagmáticos são essencialmente compostos e derivados vulgares criados para traduzir um vocábulo estrangeiro. Entretanto, a maior parte dos compostos e derivados de uma língua são criações intrínsecas da língua, sem nenhuma motivação externa. Podem resultar da combinação de elementos exclusivamente greco-latinos (por exemplo, *sociológico*), da combinação de elementos exclusivamente vulgares (*guarda-chuva*, *montanhês*), ou ainda podem resultar da combinação de ambas as espécies de elementos (*auriverde*, *equilibrável*). No primeiro caso, o vocábulo resultante será um grecolatinismo. Nos demais casos, será um vulgarismo.

1.6. Co-ocorrência de processos lexicogênicos no mesmo vocábulo

Um mesmo vocábulo vulgar pode resultar de mais de um processo de vulgarização. Assim, o port. *redução*, por exemplo, provém do lat. *reductione* por tradução do sufixo latino *-tione* pelo vernáculo *-ção*, bem como por síncope do *c* latino do grupo *-ct-*, o que configura um metamorfismo. Da mesma forma, o vocábulo correspondente it. *riduzione* vem do lat. *reductione* por tradução do prefixo latino *re-* pelo vernáculo *ri-* e, além disso, por metamorfismo do grupo consonantal *-ct-* para *-z-* (síncope do *c*). A incidência de dois processos de vulgarização no mesmo vocábulo pode ser simul-tânea, no instante mesmo da criação deste, ou sucessiva. Neste caso, um vocábulo greco-latino pode sofrer empréstimo de tradução parcial, podendo, mais tarde, aqueles morfemas que não foram tradu-zidos ser alvo de metamorfismo. Esses dois fenômenos podem tam-bém ocorrer na ordem inversa.

2. GRECOLATINISMOS

Constitui grecolatinismo todo vocábulo formado exclusiva-mente de morfemas de origem grega ou latina, não metamorfizados, excetuadas as desinências. Um grecolatinismo pode resultar do empréstimo de uma palavra efetivamente pertencente ao léxico do grego ou do latim, mas pode também ser criada, no âmbito da língua vulgar, através da combinação sintagmática de morfemas

greco-latinos. Para que um vocábulo se caracterize como grecolatinismo, basta que seu significante seja greco-latino.

2.1. Grecolatinismos resultantes de empréstimo direto ou indireto do grego/latim

Quando uma língua vulgar importa um vocábulo diretamente do latim, dá-se um empréstimo greco-latino direto, ao passo que, quando uma língua vulgar importa um vocábulo greco-latino de outra língua vulgar, tem-se um empréstimo greco-latino indireto. Um exemplo disso é o fr. *direction*, importado diretamente do latim *directione*; já o ing. *direction* é um empréstimo do grecolatinismo francês.

2.2. Refecções de vulgarismos

Muitas vezes, um vocábulo vulgar ou vulgarizado, de origem latina, pode ser substituído por seu equivalente erudito, num processo que se chama refecção. Na verdade, a substituição do significante vulgar pelo erudito não se dá instantaneamente, mas durante algum tempo a forma vulgar e a erudita convivem na língua como alótopos (BIZZOCCHI, 1991). O grecolatinismo, surgindo inicialmente como neologismo, proposto como sinônimo do vulgarismo, uma vez aceito pela comunidade lingüística, tende a ter uma frequência de uso cada vez maior, ao passo que o vulgarismo começa então a diminuir de frequência, até tornar-se um arcaísmo e, eventualmente, desaparecer.

Por vezes, a adoção de uma grafia latinizada pode induzir a uma falsa refecção. Isso ocorre quando a grafia de uma palavra reassume a forma latina, porém no plano fonético-fonológico nada ocorre que possa indicar que se tratar de um novo vocábulo. Essas falsas refecções foram particularmente frequentes em francês, em palavras como as vernáculos *ni* e *salu*, que tiveram sua grafia alterada para *nid* e *salut*, por inspiração do latim *nidu* e *salute*, respectivamente.

Alguns exemplos de vocábulos portugueses refeitos sobre o latim são *chor* > *frol* > *flor*, *coa* > *cauda*, *diago* > *diácono*, *dino* > *digno*, *eivigar* > *edificar*, *esmar* > *estimar*, *fremoso* > *formoso*, *inhorar* > *ignorar*, *seenço* > *silêncio*, *sordo* > *surdo*, *zeo* > *zelo*, etc.

2.3. Empréstimos de restituição

Definiremos o empréstimo de restituição como um emprés-timo de significado de um vulgarismo estrangeiro, em que o signi-ficante é greco-latino, isto é, totalmente constituído de morfemas de origem grega ou latina não metamorfizados. O empréstimo de resti-tuição é o processo inverso do empréstimo de tradução, pois, neste, parte-se de um vocábulo greco-latino e chega-se a um vocábulo vulgar, ao passo que, na restituição, parte-se de um vulgarismo e chega-se a um grecolatinismo. O empréstimo de restituição, a exem-plo do empréstimo de tradução, pode ser sintagmático (quando uma língua vulgar cria um composto ou derivado com morfemas greco-latinos e significado emprestado de vulgarismo estrangeiro: ing. *feed back* > espanhol *retroalimentación*, ing. *English-speaker*, port. *anglofone*) ou semântico (quando uma língua vulgar importa o signi-ficante de um vocábulo grego ou latino e o significado de um vocábulo vulgar estrangeiro, o qual é neologismo semântico na língua de origem: fr. *entier*, “número inteiro” > ing. *integer*), obrigatório ou facultativo.

2.4. Grecolatinismos resultantes de combinação sintagmática (com-posição ou derivação)

Além da importação de vocábulos às línguas clássicas, as línguas vulgares também podem construir grecolatinismos através da combinação sintagmática de elementos lexicais greco-latinos (deri-vação ou composição).

A composição e derivação greco-latinas são particularmente freqüentes no discurso técnico-científico, no qual abundam radicais e afixos oriundos do grego e do latim, e cujas próprias normas termi-nológicas aconselham a formação de novos termos através da combinação sintagmática desses elementos léxicos.

3. VOCÁBULOS NÃO CLASSIFICÁVEIS NAS CATEGORIAS ANTERIORES

Nem sempre é possível classificar um vocábulo como grecolatinismo ou vulgarismo porque há vocábulos que contêm elementos não pertencentes propriamente ao léxico da língua, tais como nomes próprios, siglas, onomatopéias, morfemas fragmen-tários (fractomorfemas ou quase-morfemas), neologismos fonoló-gicos, etc. Temos nessa classe palavras como *amperímetro*, *andaluzita*, *cuco*, *crocante*, *férmio*, *hitlerista*, *informática*, *kantismo*, *kimberlita*, *liliputiano*, *macadamizar*, *metrô*, *napoleônico*, *newtoniano*, *nylon* (ou *náilon*), *permiano*, *foto*, *radar*, *tique-taque*, *ufologia*, *voltagem* e *wattímetro*, dentre outras.

Percurso gerativo de criação vocabular

Há casos em que, para classificar lexicogenicamente um vocábulo, temos de postular a existência de etapas evolutivas não documentadas desse vocábulo, e que, por sinal, jamais existiram efetivamente, mas que são necessárias para explicar a configuração atual do vocábulo. Por exemplo, o ing. *chronicle* não pode ser explicado diretamente nem a partir do lat. *chronica* nem do fr. *chronique*, do italiano *cronaca* ou de qualquer forma correspondente em outra língua vulgar. Tal forma tampouco se explica por derivação a partir do lat. *chronica* com um sufixo *-le*, já que esse sufixo não existe em inglês. Só nos resta então postular um latim hipotético **chronicula* para explicar *chronicle*.

Nota-se, assim, que os processos de vulgarização não incidem apenas sobre vocábulos greco-latinos efetivamente existentes, quer nas línguas clássicas, quer nas línguas vulgares, mas podem afetar também vocábulos hipotéticos. Alguns desses processos de vulgarização estão tão fortemente arraigados em certas línguas, que chegam a intervir no próprio momento da criação de um novo vocábulo, fazendo com que este apresente, desde seu nascimento, as mesmas características lexicogênicas de outros vocábulos semi-eruditos já existentes.

Mecanismos de empréstimo

Os processos lexicogênicos acima descritos podem ser agrupados em duas categorias básicas, segundo o vocábulo resultante seja constituído apenas de elementos de conteúdo e de expressão pertencentes à própria língua ou, ao contrário, contenha algum elemento importado de outra língua. Temos, assim:

- 1) Processos lexicogênicos autogenéticos (autogenia):
 - 1a) herança vernácula;
 - 1b) neologia fonológica;
 - 1c) neologia sintagmática;
 - 1d) neologia semântica.
- 2) Processos lexicogênicos alogenéticos (alogenia):
 - 2a) empréstimo sem vernaculização;
 - 2b) empréstimo com vernaculização fonológica;

- 2c) empréstimo com vernaculização sintagmática;
- 2d) empréstimo semântico;
- 2e) refecção.

Conclusão

Creemos que esta breve exposição basta para fazer compreender a importância de levar em conta fenômenos lexicogênicos, muito mais do que simplesmente os neológicos e etimológicos, quando se trata de estudar cientificamente a língua. Essas questões certamente não são desconhecidas dos especialistas da língua, mas é-nos forçoso dizer que os modelos atuais de explicação da história das palavras não dá conta de muitos aspectos considerados aqui, sem os quais a análise do léxico de uma língua se torna simplista, incompleta ou mesmo equivocada.

Referências bibliográficas

- BARBOSA, M.A. (1981) *Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo*. São Paulo, Global.
- BIZZOCCHI, A. (1991) Aspectos da alotropia nas línguas românicas: esboço de uma tipologia. *Anais da 43ª Reunião Anual da SBPC*, Rio de Janeiro, p. 401-402.
- _____ (1998) *Léxico e ideologia na Europa ocidental*. São Paulo, Annablume/FAPESP.
- _____ (2003) Por uma revisão da historiografia tradicional das línguas germânicas: o conceito de *germance*. *Primeiros Trabalhos do VII CNLF*. Rio de Janeiro, CiFEFiL, p. 140-146.
- GUILBERT, L. (1975) *La créativité lexicale*. Paris, Larousse.